

3

A perspectiva sociodiscursiva de linguagem

Embarcar na corrente do pensamento de Bakhtin requer, assim, nos seus próprios termos, uma forma de pensar incontestavelmente dialógica.

(Jobim e Souza, 2000, p. 104)

Com intuito de analisar as vozes de julgamento que permeiam os textos de alunos do 3º ano do Ensino Médio de uma Escola Pública no município de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro, utilizarei como ponto de partida da fundamentação teórica os estudos desenvolvidos por Mikhail Bakhtin (1990, 2003), autor influente e reconhecido em diversas áreas, a saber: a linguística, a psicologia e a sociologia. Não há intenção de abordar exaustivamente os trabalhos desse pensador russo, uma vez que sua obra abrange um universo amplo de temas que não poderiam ser discutidos em um único capítulo.

Sendo assim, buscarei focar, principalmente, na concepção dialógica e polifônica da linguagem, em sua perspectiva sociodiscursiva, trazendo as noções de *língua*, *enunciação*, *ideologia*, *palavra*, *indivíduo* e *voz*, conceitos que perpassam os estudos bakhtinianos. Ainda que sejam temas complexos, trataremos apenas daquilo que for relevante para a presente Dissertação.

Este capítulo, portanto, será composto por duas partes: a primeira discute a concepção de linguagem e a sua natureza ideológica (cf. 3.1), tendo uma subseção destinada à concepção do outro na teoria bakhtiniana (cf. 3.1.1); a segunda abrange o dialogismo em Bakhtin (cf. 3.2) e está dividida em duas subseções: a que foca no conceito de polifonia e de vozes (cf. 3.2.1) e a que traz a concepção de voz para o estudo de redações produzidas em um ambiente escolar (cf. 3.2.2), contexto tratado nesta pesquisa.

3.1

Bakhtin e sua filosofia de linguagem

Bakhtin foi um importante precursor dos estudos do discurso, uma vez que uma de suas contribuições acerca da linguagem está no fato de ter colocado o

texto no centro de investigação das ciências humanas. De acordo com Bakhtin (1990), a linguística de sua época não dava conta dos estudos linguísticos como um todo, já que a prioridade estava no estudo da enunciação monológica isolada, isto é, não se levava em conta o caráter mutável, concreto, dinâmico e polissêmico da palavra.

Por esse motivo, sua teoria se sustenta a partir de uma crítica a duas correntes teóricas vigentes no pensamento linguístico de sua época: o subjetivismo idealista, tendo como representante de maior destaque Humboldt, e o objetivismo abstrato, representado, principalmente, pelos estudos de Saussure¹². No subjetivismo idealista, a língua era considerada um objeto pronto para ser usado, independente de fatores externos, isto é, sociais. A ênfase estava no polo subjetivo, aquele relacionado à vida interior. No objetivismo abstrato, havia uma dicotomia entre língua e fala, enquanto esta era um ato individual, aquela era um objeto externo, e, por isso, foco de estudo da linguística. Essa corrente reduzia a linguagem a um sistema abstrato de formas e defendia o pressuposto de que a língua deveria ser estudada fora de seu conteúdo ideológico, o que era considerado um dos erros mais grosseiros do objetivismo abstrato, segundo Bakhtin (1990).

Assim como o subjetivismo idealista, o objetivismo abstrato foi criticado pelo filósofo russo, que considerava impraticável estudar a língua sem levar em conta a interação verbal e os elementos ideológicos que constituem o sistema linguístico. Bakhtin, então, situa a língua como um fenômeno social da interação verbal, pois:

(...) a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (Bakhtin, 1990, p. 123).

Ainda segundo o pensador russo, a **língua** deveria ser entendida enquanto elemento de comunicação e de interação e não como um sistema abstrato de formas linguísticas. De igual modo, a língua não poderia ser considerada como um produto pronto e acabado, que é transmitida de geração em geração, ao

¹² Para maiores informações acerca dos representantes do subjetivismo idealista, Humboldt, e do objetivismo abstrato, Saussure, consultar Bakhtin, 1990.

contrário, ela dura e perdura dentro de um processo evolutivo ininterrupto. Assim sendo, a linguagem precisa ser vista em sua totalidade, integrada à vida humana. A comunicação verbal deve ser concebida a partir de sua relação com uma situação concreta.

É relevante esclarecermos também que Bakhtin se opôs as duas correntes teóricas de sua época no que diz respeito ao entendimento da natureza da enunciação. Ele afirmava que o objetivismo abstrato tratava a enunciação como um ato individual, enquanto o subjetivismo idealista valorizava a enunciação monológica, que se dava a partir das condições psíquicas do sujeito falante. Ao contrário dessas duas abordagens, o autor considerava a **enunciação** como:

(...) um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística (Bakhtin, 1990, p. 121).

Podemos perceber que, segundo a filosofia de linguagem bakhtiniana, a **ideologia** é fundamental para o entendimento da natureza da língua, uma vez que ela não pode ser desassociada da sua estrutura social tampouco do seu conteúdo ideológico. Todo signo é ideológico, pois remete a algo situado fora de si mesmo. Assim, havia uma crítica à filosofia idealista e ao psicologismo que tratavam a ideologia de forma mecanicista, ao colocar a ideologia ora na consciência do indivíduo, ora como um pacote pronto, oriundo do mundo da natureza ou até mesmo do mundo transcendental (Miotello, 2005).

A visão de ideologia, predominante até aquele momento, foi substituída por aquela que leva em conta o processo de interação social. Para Bakhtin (1990), até a própria consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico e isso só se dá no momento de interação, por isso mesmo, ela é de ordem sociológica.

Além disso, é importante enfatizarmos a posição de destaque que a **palavra** tem na teoria bakhtiniana, já que esta se constitui como produto da relação social. A palavra exerce a função de signo e é um fenômeno ideológico. Tamanha a relação entre palavra e ideologia que o autor chega a seguinte conclusão:

(...) na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (Bakhtin, 1990, p. 95).

Portanto, a palavra só ganha forma no momento em que entra em contato com a realidade concreta. É por esse motivo que a compreensão ocorre por meio de signos e não por um processo de identificação. O signo é decodificado, ou seja, é compreensível e pertence ao domínio da ideologia e se contrapõe ao sinal, que é identificado, isto é, constitui-se como algo técnico usado para designar determinado objeto, que pode ser preciso e imutável, ou determinado acontecimento, igualmente preciso e imutável. Além disso, o sinal não pertence ao domínio da ideologia. Desse modo, a compreensão de uma forma linguística acontece a partir do contexto em que o signo está inserido, uma vez que o sinal por si só não tem nenhum valor linguístico. A compreensão é, então, um processo ativo e criativo, uma forma de diálogo, pois se ocorre em um contexto, envolve interlocutores reais que produzem um discurso.

3.1.1

O papel do “outro”

Conforme visto na seção anterior, a linguagem, no pensamento bakhtiniano, é um fato social, que se constrói no diálogo entre interlocutores reais. Sendo assim, uma nova concepção de **indivíduo** surge a partir dos estudos de Bakhtin, que entende o sujeito como um ser histórico e social. Essa visão do homem em sua totalidade nos ajuda a entendê-lo dentro de uma sociedade, que carrega suas ideologias e crenças, por isso se constitui como um ser de múltiplos pensamentos e ideias. O indivíduo é construído a partir da linguagem, da mesma forma que a partir dela constrói a sua realidade. É por essa razão que entendemos que os discursos dos alunos aqui pesquisados recebem influência do contexto social em que está inserido e dos discursos ideológicos que permeiam a sociedade.

Como o homem é concebido como um ser histórico e social, Bakhtin entende a linguagem a partir da situação concreta, levando em conta a enunciação e o seu contexto de produção. Assim sendo, o sentido é construído no discurso entre os participantes da interação, envolvendo a situação e o contexto. Com isso,

a palavra vem carregada de expressividade e de juízos de valor, sendo, portanto, caracterizada como um fenômeno ideológico.

Ainda segundo o autor, a palavra só ganha sentido dentro de um contexto, havendo, por isso, inúmeras significações possíveis quantos contextos possíveis. Conseguimos observar que há uma relação muito forte entre o contexto e o sentido na teoria bakhtiniana. Entretanto, cabe esclarecermos que existe uma diferença entre significado e sentido, pois para Bakhtin, o significado é abstrato e dicionarizado, enquanto o sentido é construído contextualmente. O significado independe do ouvinte, pois há apenas uma compreensão passiva desse participante, porém o sentido exige uma compreensão ativa e mais complexa por parte do ouvinte (Nóbrega Kuschnir, 2003). Essa compreensão, portanto, ocorre no contexto de produção, que é mediada a partir da palavra, e necessita do outro.

Levando em conta a importância das relações sociais no pensamento bakhtiniano como um todo, podemos dizer que a língua sempre se remete para um outro, o que constitui o princípio de alteridade. Um enunciado não pode existir se não houver um direcionamento para alguém. De acordo com Jobim e Souza (2000), não existe diálogo entre elementos abstratos da linguagem, mas somente entre pessoas, já que todo enunciado tem um destinatário. Isso quer dizer que ao pronunciarmos uma palavra estamos remetendo o nosso discurso para outrem. Um enunciado não pode existir se não houver essa relação, o mesmo se produz em um contexto social, em que “o ouvinte ou leitor é assim um outro – presença individual ou imagem ideal de uma audiência imaginária” (Freitas, 2000, p. 135).

A própria aprendizagem da língua materna é dependente do outro, pois aprendemos a falar a partir da nossa interação com outra pessoa, isto é, somente a partir de enunciações concretas na comunicação discursiva entre pessoas que nos rodeiam. O que realmente importa é que a comunicação se dá porque há um diálogo entre seres sociais, e é justamente por isso que o enunciado deve ser concebido como a unidade real da comunicação discursiva (Bakhtin, 2003).

Esse diálogo permite uma resposta, pois há sempre outra pessoa que fala e que também responde. Desse modo, Bakhtin é um revolucionário de sua época, pois coloca o outro como um ser ativo no processo de interação. O filósofo russo deu posição de destaque ao outro, já que ele concebeu uma ativa posição responsiva ao ouvinte. O ouvinte era visto como um ser passivo, apenas como um

receptor que compreende passivamente aquilo que o falante disse. Todavia, esse era o ouvinte ideal e não o participante real da comunicação discursiva.

Conceber o papel do outro na interação equivale a olhar a enunciação por um viés social e não individual. Uma das maiores contribuições de Bakhtin, sem dúvida, reside no fato de ele ter concebido o princípio dialógico da linguagem, como veremos na próxima seção.

3.2

O pensamento dialógico bakhtiniano

Entender o pensamento de Bakhtin requer um olhar voltado para as relações dialógicas que constituem o sujeito em seu diálogo com o outro. O cerne de todo pensamento bakhtiniano concentra-se na interação verbal e em seu caráter dialógico. Para Bakhtin a linguagem é essencialmente dialógica, sendo esse o princípio constitutivo e organizador da mesma. Conforme ele postula:

(...) em qualquer enunciado, quando estudado com mais profundidade em situações concretas de comunicação discursiva, descobrimos toda uma série de palavras do outro semilantes e latentes, de diferentes graus de alteridade. Por isso o enunciado é representado por ecos como que distantes e mal percebidos das alternâncias dos sujeitos do discurso e pelas tonalidades dialógicas, enfraquecidas ao extremo pelos limites dos enunciados, totalmente permeáveis à expressão do autor (Bakhtin, 2003, p. 299).

Bakhtin, então, lança mão de duas concepções de dialogismo: uma entre interlocutores e outra entre discursos, conforme ressalta Barros (2001). A primeira abordagem trata do dialogismo entre sujeitos, levando em conta que a interação é o princípio basilar da linguagem e que o sentido depende da relação entre sujeitos sociais. A segunda concepção faz referência aos diálogos entre discursos¹³, tratando das relações entre discursos num mesmo enunciado ou em outros enunciados. O dialogismo que ocorre entre discursos nos remete a visão polifônica de linguagem (cf. seção 3.2.1.) e é fundamental para esta pesquisa, pois estamos lidando com a polifonia existente nas redações analisadas, como será discutido mais adiante.

¹³ Acerca da questão do dialogismo entre discursos, Barros afirma que alguns autores como Todorov (Todorov, 1981 apud Barros, 2001) optam por usar o termo intertextualidade. No entanto, nessa pesquisa utilizarei o termo dialogismo, bem como faz Bakhtin.

Logo, podemos dizer que o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem, sendo o diálogo a forma básica de comunicação discursiva. Não há como pensar a linguagem sem levar em consideração essa relação dialógica que constitui qualquer discurso, pois um enunciado nunca será completamente novo, ele estará, de algum modo, vinculado àqueles que o precederam ou ainda aos que o sucederão.

Nada do que falamos é novo, pois, na cadeia de comunicação discursiva, o nosso objeto do discurso já foi falado anteriormente e surge como uma resposta a enunciados precedentes. É por essa razão que sustentamos a concepção de que todos os enunciados são compostos por ecos e ressonâncias de outros enunciados, com os quais ele mantém diálogo na esfera de comunicação discursiva. Por isso, um enunciado sempre se remeterá a uma voz anterior, ora para refutá-la, ora para esclarecê-la ou apoiá-la.

Em contraposição à noção de monólogo, Bakhtin propõe a de diálogo, uma vez que os distingue tomando por base o conceito de vozes (cf. seção 3.2.1). O filósofo russo afirma que o monólogo se constitui por uma única voz, enquanto que o diálogo se compõe por duas ou mais vozes. Por conseguinte, todo discurso é formado por uma natureza expressiva, dialógica e reveladora de visões de mundo e pontos de vista, constituindo-se pelas vozes sociais.

Falar de diálogo requer pensar e rever algumas concepções acerca dos envolvidos nessa esfera. Estudiosos anteriores à Bakhtin pouco consideravam o papel do emissor e do receptor na construção dos diálogos. Esses atores eram vistos como meros produtores e receptores de mensagem, respectivamente. A partir da nova proposta advinda do pensamento de Bakhtin (1990), os participantes passam a ser vistos como seres sociais, que se constituem em suas interações.

Portanto, sob a ótica dialógica de linguagem bakhtiniana, podemos afirmar as seguintes proposições: 1- o dialogismo reforça a ideia de que a natureza do enunciado é social; 2- o dialogismo reafirma a importância do contexto sociocultural nas interações; 3- o dialogismo destaca a premissa de que toda enunciação é um diálogo e, por isso, é um ato responsivo, que necessita de uma resposta. Logo, o dialogismo nos leva a entender a linguagem sob uma perspectiva sociodiscursiva, em que as relações se constroem entre interlocutores reais, em contextos sociais, que são permeados por diferentes vozes ideológicas.

Ignorar a natureza dialógica da língua implica, para Bakhtin, apagar a “ligação que existe entre a linguagem e a vida” (Bakhtin, 1979, p. 268 apud Barros, 2001, p.35).

3.2.1

Polifonia e vozes

O dialogismo, como conceituado na seção 3.2, é o princípio constitutivo da linguagem. Esse termo se refere ao princípio da alteridade, uma vez que o nosso discurso sempre recebe influência da palavra do outro. A polifonia, por sua vez, se caracteriza como o texto em que percebemos claramente o dialogismo, isto é, aquele em que são encontradas muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos que ocultam os diálogos que os constituem.

Cabe acrescentar que o conceito de voz em Bakhtin se refere à “consciência falante presente nos enunciados” (Junqueira, 2003, p. 33). Tal consciência se constrói a partir do processo de enunciação em um dado contexto social e por isso sempre traz uma visão de mundo, um juízo de valor. A partir desse conceito, a palavra voz será utilizada neste trabalho como a presença de diferentes consciências (discursos) que entremeiam os textos dos alunos pesquisados. Como essas vozes se constroem na sociedade, acredito que elas vêm carregadas de avaliações de julgamento, em sua grande maioria (cf. seção 3.2.2). A natureza dialógica e ideológica da linguagem nos permite dizer que todas as avaliações surgem no emprego vivo da palavra em determinado contexto social.

O texto polifônico¹⁴ é povoado por inúmeras vozes e se opõe ao monológico¹⁵, que é aquele que se constitui por uma única voz. Temos, assim, os discursos monofônicos, que são aqueles em que o dialogismo se oculta por trás de um discurso único, ou seja, de uma única voz e os polifônicos, cujas vozes se misturam formando um mosaico dialógico. De acordo com Barros (2001, p.36), “nos textos polifônicos escutam-se várias vozes, nos monofônicos uma apenas, pois as demais são abafadas”. Acredito que muitas redações aqui analisadas abafam determinadas vozes, mas, mesmo assim, são textos essencialmente

¹⁴ Também chamado de heteroglóssico.

¹⁵ Bakhtin (2003, p. 298) afirma que “por mais monológico que seja o enunciado (...), por mais concentrado que esteja no seu objeto, não pode deixar de ser em certa medida também uma resposta àquilo que já foi dito sobre dado objeto, sobre dada questão, ainda que essa responsividade não tenha adquirido uma nítida expressão externa”.

polifônicos que se caracterizam, fundamentalmente, pelo diálogo existente entre inúmeras vozes, apesar de algumas serem abafadas.

O dialogismo, conseqüentemente, se define a partir de uma cadeia discursiva, que é constituída por muitas vozes. Essas vozes mostram posicionamentos ideológicos semelhantes e até contraditórios. As vozes trazidas pelos alunos desta pesquisa são aquelas que têm um conteúdo/sentido ideológico ou vivencial. Assim, muitos alunos utilizam as vozes que mais estão relacionadas às suas experiências pessoais. Suas palavras são carregadas de ideologias, que revelam avaliações em relação ao mundo e as suas práticas cotidianas, sendo a língua inseparável do seu conteúdo ideológico.

Como consequência dessa concepção polifônica de linguagem, Bakhtin acredita que a palavra não pertence a ninguém. O discurso desse sujeito é, então, resultado de variadas vozes sociais e a palavra se configura sobre três aspectos:

(...) como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra *alheia* dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a *minha* palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão (Bakhtin, 2003, p. 294, *itálicos no original*).

As palavras ganham sentido a partir do contato com a realidade concreta e nas condições de uma situação real. As diferentes vozes que ecoam podem ser distintas, anônimas, quase impessoais ou imperceptíveis, e às vezes vozes próximas. Segundo a teoria bakhtiniana, não existem palavras sem voz, todo discurso é permeado por uma natureza dialógica.

Bakhtin contribuiu sobremaneira para os estudos discursivos ao colocar o princípio dialógico como eixo norteador da linguagem, deslocando, assim, o conceito de sujeito – que era o centro da comunicação discursiva – e substituindo-o por diferentes vozes que o tornam um ser histórico e ideológico.

Acreditamos que os sujeitos participantes desta pesquisa – ou seja, alunos do 3º ano do Ensino Médio – são seres sociais, que trazem as suas visões de mundo, carregadas de ideologias. Por esse motivo, entendemos que os seus discursos se caracterizam pelo diálogo contínuo de diferentes vozes, com as quais tiveram contato, provavelmente veiculando a realidade tratada no capítulo 2 (cf. p. 32) desta Dissertação. Assim, estamos certos de que todo discurso é heterogêneo (Bakhtin, 2003), exatamente por conta da sua natureza polifônica e que tal

heterogeneidade encontra-se presente nas redações aqui analisadas, através das vozes de seus escritores, como veremos a seguir.

3.2.2

As vozes discursivas no ambiente escolar

Neste estudo, partimos do pressuposto de que, ao produzir um texto, estabelecemos um diálogo contínuo com outros textos ou outras pessoas. Entendemos que as redações, objeto da presente análise, são textos que carregam vozes sociais, que apresentam fortes ideologias, sendo compostas por avaliações de julgamento, que, normalmente, trazem uma punição ou apenas uma avaliação de determinados comportamentos considerados bons ou ruins, não tendo, necessariamente, implicações legais. Essas são avaliações emitidas sobre a ética e a moralidade, isto é, o julgamento representa as avaliações dos falantes/escritores em relação ao “como comportar-se” na sociedade (cf. capítulo 4, seção 4.2.1.2, p. 62).

A avaliação de julgamento, advinda a partir do uso de vozes, demonstra o posicionamento do aluno em relação ao ensino de língua portuguesa nas escolas e a sua importância (ou não) para a inclusão social, conforme a proposta de redação¹⁶ aplicada, bem como a utiliza na criação de argumentos. O estudante pode fazer vários tipos de avaliação, desde as que servem mais para descrever um comportamento positivo ou negativo, até aquelas que envolvem uma punição social e até moral.

Muitas vezes, as vozes trazidas pelos alunos são complementares ou até contraditórias, o que nos ajuda a perceber o diálogo que os mesmos mantêm com diferentes discursos que circulam na sociedade. Por compartilhar a mesma visão dialógica de linguagem é que proponho uma investigação voltada para a análise de diferentes vozes que constituem os textos de alunos do 3º ano do Ensino Médio, enfatizando que os discursos por eles criados são essencialmente polifônicos e heterogêneos.

A polifonia encontrada nos textos traz ecos de vozes originárias de muitos discursos, tais como: aqueles relacionados à proposta de redação, aqueles que dizem respeito ao discurso pedagógico e à própria experiência particular do aluno,

¹⁶ Como indicado anteriormente, a proposta de redação encontra-se, em Anexo, no final deste trabalho (cf. p. 181).

tanto no meio em que vive, quanto em outros espaços que propagam ideologias, como a mídia, por exemplo.

Podemos perceber que, geralmente, as vozes se compõem a partir das experiências pessoais dos estudantes, que correspondem aos discursos que os constituem enquanto seres sociais. Por esse motivo, a voz do aluno, que acredito ser a voz *do eu*, constitui-se pelo diálogo que mantém com as vozes sociais, aqui tidas como a voz *do nós*. Tais vozes estão em constante contato, pois todo discurso é permeado por muitos outros. Por conta da natureza social e ideológica das vozes, a maioria das que são utilizadas pelos alunos introduzem julgamentos, para avaliar comportamentos humanos tidos como bons ou ruins.

Portanto, as vozes *de julgamento*, como proposto neste trabalho, são usadas na construção de argumentos, uma vez que há uma tentativa¹⁷ por parte dos alunos escritores de utilizá-las para a defesa de um ponto de argumentação¹⁸, que é a apresentação do seu próprio ponto de vista composto por inúmeros discursos sociais.

A partir da ótica polifônica de linguagem, entendemos a argumentação como sendo formada por pontos de vista compostos por vozes permeadas de ideologias, por isso, carregada de avaliações. A relação entre as vozes, as avaliações de julgamentos e a argumentação é o tripé que sustenta esta Dissertação, como veremos nos próximos capítulos.

¹⁷ Como veremos na análise, algumas redações são mais descritivas do que argumentativas.

¹⁸ Maiores detalhes acerca do ponto de argumentação podem ser encontrados no capítulo 5, seção 5.1.2, p. 74.